

## **CAPÍTULO VIII**

---

**PRAIAS, LAGOAS E DUNAS: POVOAMENTO  
PRÉ-CERÂMICO DO LITORAL DO RIO DE JANEIRO,  
BRASIL**



# PRAIAS, LAGOAS E DUNAS: POVOAMENTO PRÉ-CERÂMICO DO LITORAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Paulo Seda<sup>1,2</sup>

## RESUMO

O litoral sul/sudeste brasileiro foi palco, desde, pelo menos, 8.000 anos A.P., de um desenvolvimento cultural intenso e marcante, no qual o território do atual Estado do Rio de Janeiro tem uma importância particularmente significativa. Os primeiros grupos de coletores de moluscos (sambaquis) se instalam, inicialmente, na região de Itaipu, expandindo-se posteriormente por todo o litoral. Novas adaptações deste modo de vida surgem a partir de 4.000 anos A.P., nas margens de lagoas e sobre dunas, trazendo uma maior diversificação cultural. Na margem das lagoas, além de sítios à beira de mangues, mais interioranos, as ocupações demonstram uma ênfase na coleta, principalmente do gastrópode “corondó” (*Ampullaria* sp, Ampullariidae, Gastropoda), bem como de vegetais e onde a caça e a pesca eram mais diversificadas. Embora apresentassem muitas semelhanças com os “sambaquianos”, sobretudo na tecnologia lítica e óssea, tiveram como característica particular e marcante, entre outras coisas, o desenvolvimento de instrumentos em carapaça de moluscos, particularmente o bivalve *Macrocalista* sp (Veneridae, Bivalvia), com as quais fabricaram facas, raspadores, etc. As ocupações aparentemente mais recentes têm seus sítios localizados em praias de mar aberto, sobre dunas (Duna de Itaipu, Duna Grande de Cabo Frio), com uma economia voltada, principalmente, para a pesca, tendo-se, inclusive, localizado pelo menos um sítio com ocupação em ilha oceânica. Os mesmos grupos que ocupavam as lagoas parecem, mais tarde, ter iniciado o cultivo de tubérculos. Estas três formas de adaptação, parecem ter convivido no litoral do Rio de Janeiro após 4.000 anos A.P.

**Palavra Chave** – Brasil Antigo, Coletores, Pescadores, Adaptações Litorâneas, Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

The south/southeastern coast of Brazil experienced since at least 8000 years B.P., an intense and remarkable cultural development, in which the territory of the present state of Rio de Janeiro stands out. The first groups of shellfish collectors – shell mounds (*sambaquis*) were installed initially at the Itaipu region, expanding throughout the coast posteriorly. New adaptations of this way of life arise from 4,000 years B.P., on the banks of ponds and over dunes, bringing greater cultural diversification. On the shore of the lakes, and places of mangrove border, more hinterland, occupations demonstrate an emphasis on the collection, especially the gastropod "corondó" (*Ampullaria* sp, Ampullariidae, Gastropoda), and of plants and where hunting and fishing were more diverse. Although showing many similarities with the shell mounds ("sambaquianos"), especially in the lithic and boney technology, had the particular and striking feature, among other things, the development of instruments shell of molluscs, particularly the bivalves *Macrocalista* sp (Veneridae, Bivalvia), with which manufactured knives, scrapers etc. The seemingly most recent occupations have their sites located in open sea beaches, dunes on (Itaipu Dune, Great Dune of Cabo Frio), with an economy mainly for fishing, and it was even located at least one site occupation in oceanic island. The same groups occupying ponds seem to be started to cultivate tubers afterward. These three forms of adaptation were synchronic in the coast of Rio de Janeiro after 4,000 years B.P.

**Keywords** – Old Brazil, Collectors, Fisherman, Coastal Adaptations, Rio de Janeiro.

1. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Departamento de Arqueologia/Laboratório de Estudos e Pesquisas da América Antiga/NUCLEAS. Rua São Francisco Xavier 524, Sala 9005B Bloco D – Maracanã; Rio de Janeiro - RJ, 20550-013.

2. IBPA – Instituto Brasileiro de Pesquisas Arqueológicas. Rua Marques de Leão, 53 – Engenho Novo; Rio de Janeiro – RJ; 20780-140.  
[pseda.rlk@terra.com.br](mailto:pseda.rlk@terra.com.br)

## 1. POVOAMENTO DO LITORAL

Embora não seja possível estabelecermos, com precisão, quando se inicia a relação do homem com o mar, sobretudo como fonte de subsistência, possivelmente esta relação existe desde sempre. Desta forma, é possível que as primeiras populações a adentrarem o continente americano, já se utilizassem de recursos marinhos. Contudo, arqueologicamente, o registro da presença destas populações no litoral é mais recente (GASPAR, 2000).

Arqueologicamente, não há registro de povoamento do litoral americano antes do fim do Pleistoceno (última glaciação, ~10.500 anos A.P.). Na verdade, com o nível do mar mais baixo devido à glaciação e, conseqüentemente, maior exposição da plataforma continental, continua sendo possível que as primeiras populações tenham se utilizado do litoral como rota de penetração/expansão. Contudo, se isto ocorreu, com o degelo e a elevação do nível do mar, estes vestígios teriam sido submersos e/ou destruídos (AB'SABER, 1977).

Além disso, é preciso lembrar que a baixa temperatura do período não favorecia a proliferação de moluscos e, desta forma, mesmo nos sítios interioranos, do período, à beira rio, este recurso é praticamente ausente.

De qualquer forma, somente após o fim da última glaciação aparecem os primeiros vestígios de ocupação do litoral e, de forma bastante interessante, isto não ocorre apenas na América ou no Brasil: em todo o mundo, observamos o aparecimento de culturas adaptadas aos recursos marinhos, sobretudo a exploração dos moluscos. A cultura maglemosiana no norte da Alemanha, os shell mounds dos Estados Unidos e da Austrália, os sambaquis do Brasil, Japão e muitos outros lugares.

Assim, as culturas litorâneas se multiplicam de maneira bastante rápida. Na América, um rápido exame das datas mais antigas dos sambaquis no continente, permite percebermos duas coisas: as datas são muito próximas, o que comprova a rápida adoção e expansão do modelo e, por outro lado, parecem girar em torno do Ótimo Climático (~6.000 anos A.P.), o que, por outro lado, demonstra a importância deste fenômeno para a adoção e expansão do modo de vida sambaquiano.

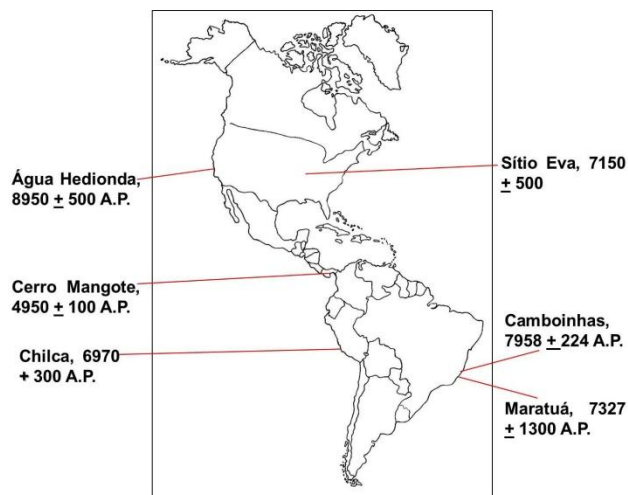


Figura 1 – Sambaquis mais antigos na América

Por outro lado, evidentemente, sambaquis – vistos, até este ponto, como uma designação genérica para populações que desenvolveram uma adaptação, principalmente costeira, fortemente baseada na coleta de moluscos – não foram o único modo de vida litorâneo desenvolvido na América. Na verdade, a utilização dos recursos marinhos gerou situações bastante distantes do ponto de vista adaptativo no Continente, conforme o registro histórico-etnográfico.

De um lado, teríamos os povos que viviam na Terra do Fogo – *os fueguinos* –, descritos por DARWIN como:

*as criaturas mais abjetas e miseráveis que eu contemplei onde quer que seja... Seu país é uma massa fragmentada de rochas rudes, montanhas elevadas e florestas sem uso; e tudo isto é visto através de neblinas e tempestades infundáveis. ... Caso seja morta uma foca, ou encontrada uma carcaça de baleia apodrecida boiando é uma festa: e este alimento é complementado por umas poucas amoras do mato e fungos insossos (DARWIN, 2008: 213).*

Embora se trate de uma visão evolucionista da primeira metade do século XIX, da qual o próprio DARWIN procura se redimir mais a frente, observando que “não há razão para acreditarmos que os *fueguinos* tenham diminuído de número, portanto, devemos supor que eles desfrutaram de uma suficiente cota de felicidade” (op. cit.: 216), a descrição fornece uma boa ideia do tipo de adaptação desenvolvida pelos *fueguinos*.

De outro lado, estariam os diversos povos que ocupavam a Costa Noroeste, na América do Norte - *tingit, haidas, tsimshian, kwakiutl, nootka, salish, chinook*, etc. -, entre a Baía de Yakutat, no sul do Alasca e o Cabo Mendocino, norte da Califórnia. Apesar da alta latitude, esse litoral muito recortado apresenta uma temperatura mais amena, decorrente da presença das águas aquecidas da corrente do Japão. Chuvas abundantes favoreceram a presença de uma densa vegetação florestal. Neste cenário, a área oferece muitos recursos alimentares, destacando-se os peixes, principalmente o salmão (cinco espécies). Baleias e orcas também são comuns naquelas águas. Nesta área, desenvolveram-se populações bastante densas e que estavam entre os poucos indígenas que valoravam a riqueza pessoal, que, em alguns casos, incluía cativos. Fortalecidos por uma vida espiritual rica e pelos laços de clãs, criaram sociedades prósperas e complexas (MELATTI, 2014).

Contudo, sem dúvida alguma, os chamados sambaquis são o tipo de sítio litorâneo mais conhecido. Os maiores se encontram nas costas do Chile, Peru, sul do Brasil e sudeste dos Estados Unidos. Existem inúmeros sítios arqueológicos designados como sambaquis no litoral brasileiro, pontilhando as planícies costeiras de todos os Estados do sul, além de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Maranhão e Pará, isto sem contar os sambaquis fluviais.

O litoral do Rio de Janeiro, apesar de não contar com sítios do porte daqueles do sul do Brasil, tem nos sambaquis um dos maiores exemplos da sua ocupação pré-colonial. Embora presentes em todo o Estado, eles encontram sua maior concentração na região das Baixadas Litorâneas formada pelos Municípios de Maricá, Saquarema, Araruama, Iguaba Grande, Arraial do Cabo, São Pedro d’Aldeia, Cabo Frio, Armação dos Búzios, Casimiro de Abreu e Rio das Ostras, além de Cachoeiras de Macacu e Silva Jardim, mais interioranas

e, até o momento, sem registro de sambaquis. A estes municípios, por questões culturais e ambientais, devemos acrescentar a região de Itaipu (Município de Niterói) e o Município de Macaé.

Nessa pequena faixa costeira – Baixadas Litorâneas – encontra-se o mais antigo sambaqui do Brasil, até o momento, e foi possível estabelecer que sambaquis não foram o único tipo de adaptação ao nosso território.

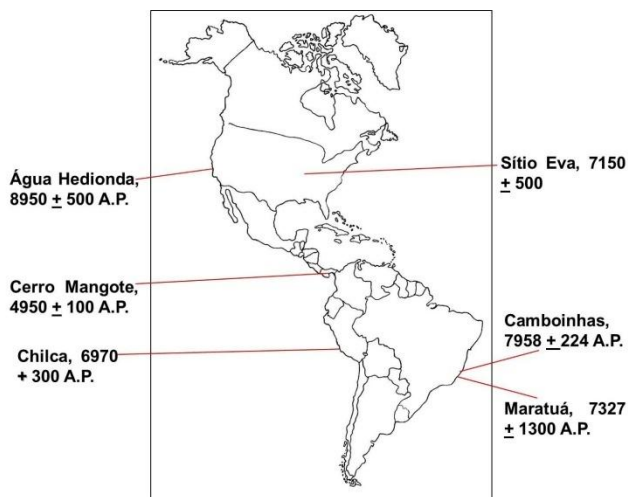


Figura 2 – Rio de Janeiro, destacando-se as Baixadas Litorâneas.

## 2. POVOAMENTO DO LITORAL DO RIO DE JANEIRO: INÍCIO

Entre 9.000 e 7.000 A.P., com o final do Pleistoceno (última glaciação) e início do Holoceno, a temperatura está em ascensão e assim continuaria até atingir, por volta de 6.000 anos A.P., o chamado “Ótimo Climático” ou “Altitermal”, ou seja, momento de maior elevação da temperatura dentro do Holoceno. Contudo, isto não parece ter ocorrido, pelo menos não com a mesma intensidade, com a umidade, uma vez que também foram comuns, por esta época, os períodos secos. Assim, como observa DIAS Jr.:

*se no Pleistoceno final o clima parece ter sido basicamente frio e seco, no Holoceno inicial até o*



Figura 2 – Rio de Janeiro, destacando-se as Baixadas Litorâneas

*clímax (“Ótimo”) ocorreram alternâncias de períodos quentes, secos e úmidos, provavelmente com predomínio dos últimos. Tais alternâncias, na verdade não estão sequer necessariamente relacionadas com faixas cronológicas demarcadas, pois parecem ter ocorrido variações em um mesmo período de tempo, em função dos elementos da topografia local. Schmitz (1981: 14), por exemplo, assinala que no milênio situado entre 10.000 e 9.000 A.P. o clima foi predominantemente frio e úmido em Goiás e quente no Piauí (entre o Planalto Central e a Região Nordeste). Quando até hoje é possível observarmos a existência de uma “curva de curta duração”, que pode significar tendências divergentes da “média” ou da “principal” (como aquelas, por exemplo, provocadas pela corrente de “El*

*Niño” no Pacífico), é fácil projetarmos este fenômeno no passado e entender, ou pelo menos tentar explicar, em linhas gerais, esta complexa rede de variações pequenas, médias e grandes ao longo do “Arcaico” (DIAS Jr., 1991: 60-61).*

Dentre as grandes transformações que iriam dar origem à Época Holoceno, duas parecem particularmente relevantes para a tropicalização de nosso território: o fim dos últimos vestígios das glaciações pleistocênicas e o desvio, para leste, da corrente fria de Falkland (originária na Antártida), juntamente com a expansão, em seu lugar, da corrente quente do Brasil (originária no Equador), que passa a banhar a maior parte de nosso litoral.

A vegetação, evidentemente, estaria em expansão de um modo geral e a caça se tornou mais restrita. Por



Figura 3 – Presença (conchas) e quantidade (números) de sambaquis nas Baixadas Litorâneas

outro lado, o aquecimento progressivo das águas (mares, rios e lagos) cria condições ideais para a proliferação de moluscos, que passam a representar um novo recurso. Por sua vez, o nível do mar eleva-se, mas, aparentemente, sem alcançar ainda o nível atual (AB’SABER, 1977; BIGARELLA, 1971).

O período é, portanto, caracteristicamente de transição, entre uma etapa fria e seca e uma quente e úmida.

Quanto às populações, continuam a explorar os mesmos ambientes anteriores, permanecendo nas mesmas áreas. Em alguns locais, porém, parece já haver respostas às novas condições, caracterizando também uma transição cultural.

Dentro deste quadro é que, ao que tudo indica, inicia-se a ocupação do litoral, com os primeiros sítios de coletores especializados de moluscos, os sambaquis. O

mais antigo deles, até o momento, seria o sambaqui de Camboinhas, em Itaipu no Rio de Janeiro, escavado por KNEIP e datado em 7958±224 anos A.P. Além dos característicos restos de moluscos marinhos, o sítio apresenta instrumentos unifaciais de quartzo, peças em seixos e blocos, além de pontas ósseas (KNEIP *et al*, 1981).

Sambaquis<sup>1</sup> podem ser descritos, basicamente, como uma elevação de forma arredondada, atingindo em algumas regiões do Brasil mais de 30 metros de altura (no Rio de Janeiro esta altura atingiria, no máximo, 3 a 4m), composto basicamente de material faunístico como conchas, ossos de peixe e mamíferos. Frutos e sementes também são comuns, bem como sepultamentos de homens, mulheres e crianças de diferentes idades.

<sup>1</sup> Sambaqui, do tupi tamba (conchas) e ki (amontoado).

Artefatos de pedra e de osso, além de fogueiras, completam a composição básica, resultando em uma estratigrafia, por vezes bastante complexa (KNEIP, 1977).

Por outro lado, sambaquis em locais secos e com maior possibilidade de preservação, como o litoral do Peru, costumam apresentar uma quantidade de objetos perecíveis: cordames, redes, cestaria, objetos de madeira, etc., indicando uma riqueza material bem maior do que aquilo que subsistiu.

Sem dúvida, conchas de bivalves, principalmente *Anomalocardia brasiliana* (GMELIN, 1971), diferentes espécies de *Ostrea*, *Lucina pectinata* (GMELIN, 1971) e outros mariscos, são o que o que mais sobressaem na composição dos sambaquis. Da mesma forma, se, evidentemente, não podemos ver nos sambaquianos uma subsistência baseada exclusivamente nos moluscos, acreditamos ser correto afirmar que esta era a base de sua subsistência, com sua população se organizando em função da coleta destes produtos, o que nos leva a classificá-los, neste estudo, como *coletores especializados de moluscos*, apesar de toda a restrição ao termo especializado, como forma de diferenciá-los de outras adaptações litorâneas, como demonstraremos adiante.

Neste Período de Transição, em que aparecem os primeiros sambaquis, o total de sítios não parece ter aumentado e o povoamento ainda é muito disperso, enquanto o recurso a frutos e moluscos parece indicar que houve uma diminuição ou deslocamento dos recursos de caça.

Na verdade, os moluscos apresentam vantagens significativas em relação aos produtos até então explorados: possuem imenso valor nutricional, aparecem em quantidade considerável, através dos chamados “bancos de moluscos” e apresentam relativa facilidade de serem obtidos, não precisando ser caçados, mas coletados. Trata-se, portanto, de um alimento seguro, com grande oferta e serem maiores problemas tanto para aquisição, quanto para o consumo.

Por outro lado, essas significativas vantagens, trazem consequências importantíssimas: sambaquis são sítios mais estáveis, com populações mais densas (aumento demográfico), mais fixas, refletindo no tamanho dos sítios, na quantidade e complexidade dos vestígios.

Parece, portanto, que, no período, as culturas

começam a se diversificar e regionalizar, buscando uma melhor adaptação aos recursos locais.

### 3. EXPANSÃO DOS SAMBAQUIS

Após esse período de transição, a temperatura, entre 6.500 e 4.000 anos A.P., atinge sua maior elevação no Holoceno e passam a predominar características gerais de umidade. Trata-se do “Ótimo Climático” ou “Altitermal”. Em consequência, as florestas se expandem significativamente, os cerrados se deslocam e expandem, enquanto as caatingas se retraem até, pelo menos, os limites atuais. A Amazônia passa por um momento de biostasia (expansão da floresta), com a hileia ultrapassando limites atuais (AB’SABER, 1977).

Acompanhando estas características, as águas se aquecem ainda mais e o nível do mar sobe alguns metros além do nível atual. Por outro lado, a decomposição química das rochas no período disponibiliza sedimentos finos (argila e silte), que se depositaram nos vales, estuários e baías derivados da subida do mar (AB’SABER, 1989: 21).

Desta forma, surgem novas áreas com possibilidade de exploração, enquanto verifica-se o empobrecimento de áreas já tradicionalmente povoadas. Fato marcante do período é o abandono de diversos abrigos que foram, até então, utilizados intensamente, o que leva DIAS Jr. a ressaltar que:

*A densidade habitacional do interior aparentemente diminuiu, segundo o testemunho dos sítios escavados, mas o litoral parece ter sofrido um notável incremento populacional. As causas ainda não estão claramente configuradas, ainda mais que a impressão geral é que as mudanças climatológicas se fizeram no sentido de uma maior oferta de alimentação no todo. A compreensão deste processo e a explicação dos seus fatores é, agora, um dos mais instigantes problemas da arqueologia Pré-Histórica Brasileira. ... No “interior” podemos acompanhar o gradual abandono, por um sensível lapso de tempo, das grutas e cavernas (DIAS Jr., 1991: 69).*

O período revela, portanto, entre outras coisas, o deslocamento de populações, desenvolvendo novas



respostas às novas condições, o que vai refletir-se em uma diversificação cultural.

Esta diversificação é óbvia quando comparamos as culturas que se desenvolvem no interior, com aquelas que se instalam e se desenvolvem no litoral, cujas populações, inclusive, apresentam sensíveis diferenças físicas (MELLO E ALVIM & UCHÔA, 1976; MELLO E ALVIM *et al.*, 1977), mas ela também pode ser percebida entre o conjunto de culturas de cada um destes espaços.

Enquanto isto, as alterações ambientais criavam condições extremamente favoráveis no litoral, permitindo que rapidamente as populações se expandissem e trazendo, aparentemente, uma maior homogeneidade cultural, pelo menos em um primeiro momento. As restingas costeiras formam-se entre 12.000 e 7.000 anos A.P., originando “um novo teatro de atividades para grupos que atingiram pontos e setores da faixa sublitorânea do Brasil tropical atlântico” (AB’SABER, 1989: 17). Posteriormente, entre 6.000 e 5.000 anos A.P., desenvolve-se a argilização. Sobre isto, AB’SABER faz os seguintes comentários:

*A argilização aparece como o fato mais universal e significativo,... deslanchou-se a sedimentação de finos nos bordos de lagunas e sistemas lagunares. Logo apareceram e se expandiram planícies-de-marés capazes de redistribuir os produtos mais finos da decomposição das rochas, criando pântanos salinos, em um ambiente de baixadas quentes e úmidas, onde vieram a se estender grandes manguezais (Op. cit.: 21).*

Nesta mesma época, o nível do mar parece ter atingido sua maior elevação, calculada em cerca de 3m acima do nível atual, estabilizando-se, observando DIAS Jr. que:

*Daí até 4.100 começou o processo de retração, chegando mesmo a baixar cerca de um metro em relação ao atual. Entre 4.100 e 1.500 anos A.P. ocorreriam pequenas flutuações, estabilizando-se, no geral, a linha da costa, embora os fatores locais, especialmente o assoreamento, implicassem num contínuo avanço da linha costeira (DIAS Jr., 1991: 71).*

Estes fatores, combinados, ofereceram condições extremamente favoráveis ao estabelecimento dos grupos humanos. Particularmente os moluscos, como já observamos, apareciam como uma nova, rica e farta fonte alimentar, além da considerável facilidade do seu recolhimento. Tão importante foi este recurso, que é, neste sentido, que ousamos dizer que alguns grupos tornaram-se coletores especializados de moluscos. Trata-se dos construtores de “sambaquis”, um dos tipos de sítios mais conhecidos em nossa arqueologia. Evidentemente, estes grupos, como também já ressaltamos, não se alimentavam exclusivamente de moluscos, praticando a coleta de outros produtos, a caça e a pesca. Contudo, a ênfase maciça no consumo destes animais é inegável. Neste cenário, os sambaquis se multiplicam.

Seus sítios são grandes e extensos, sendo formados, basicamente, pelo acúmulo das carapaças dos moluscos consumidos. Nestes sítios, eram realizadas todas as atividades: a alimentação, a preparação dos instrumentos, os sepultamentos, etc. Além disto, sem dúvida, o recurso aos moluscos favoreceu a maior fixação e incremento populacional. Desta forma, como destaca SCHMITZ:



Figura 4 – Sambaqui Figueirinha, S. Gonçalo, Rio de Janeiro.

*...entre a Serra do Mar e a praia, ao largo das baías, canais, lagunas e rios, vai se afirmando um modo de vida de coletores de moluscos, destinado a perdurar por milênios como um dos mais eficientes para concentrar e sustentar uma população caçadora.*

*Por isto há a necessidade de explicar em que consiste esta nova cultura, muito estudada, na arqueologia, mas porém mal compreendida* (SCHMITZ, 1981: 24).

De fato, como ressalta SCHMITZ (op.cit.), sambaquis são os sítios mais pesquisados em nossa arqueologia, mas, de certa forma, ainda pouco conhecidos. Estudos que vêm os sambaquianos como mais do que meros coletores de moluscos, são relativamente recentes.

Inicialmente, os estudos discutiram se sambaquis eram originários de fenômenos naturais ou artificiais. A primeira opção era explicada pelo recuo do mar e ação do vento sobre as conchas lançadas à praia. Vestígios humanos, como esqueletos, eram vistos resultado de naufrágios. Já na segunda opção, sambaquis como resultado da ação humana, eram apresentadas diferentes explicações, mas todas elas simplistas. O acúmulo de carapaças de moluscos, era vista como um ato banal de simples consumo e descarte das conchas, que se acumulariam naturalmente. Assim, teria sido por “preguiça” que os nativos teriam acumulado restos alimentares. Mas, não faltavam aqueles que, em face da presença de sepultamentos, atribuíam aos sambaquis o significado de cemitérios (PROUS, 1991; DUARTE, 1968).

Evidentemente, com o avanço das pesquisas, a primeira posição foi abandonada, enquanto a segunda abandonou a “preguiça” como explicação. Contudo, a visão de sambaquis como originários do simples acúmulo de materiais, persistiu. Somente recentemente essa visão começou a ser rompida.

A partir da década de 90 do século passado, um grupo de pesquisadores, onde despontam GASPAR (2000) e DEBLASIS (2007), passam a propor a ideia dos sambaquis como deliberadamente construídos, como monumentos erguidos nas paisagens litorâneas. A partir disto, diversas interpretações se desenvolvem: o tamanho dos sambaquis indicaria diferentes hierarquias entre os grupos, fogueiras acesas no topo fariam comunicação entre os sítios, os sambaquis eram regularmente aplainados, etc.

Juntamente com estas ideias, que propõem uma interpretação mais complexa sobre o significado dos sambaquis, uma antiga ideia ressurgiu: os sambaquis como

cemitérios.

Fish *et al.* (2000), por exemplo, sustentam que os grandes sambaquis do sul de Santa Catarina apresentam indícios de terem sido exclusivamente cemitério: a ausência de evidências de locais de moradia, de lixo, de etapas de fabricação de artefatos. Além disso, os objetos estão espacialmente relacionados com os esqueletos bem como as estruturas identificadas e a própria construção dos sítios.

Por sua vez, GASPAR afirma que:

*O cerne da sociedade sambaquieira parece ter sido garantir a preservação dos corpos, já que para os mortos foram criados locais especiais que se destacam na paisagem e se distinguem de todos os outros. Os sambaquieiros escolheram, para construir os cemitérios, material que assegurasse a preservação dos seus mortos. Com o acúmulo de conchas, criaram uma interferência no ambiente que neutralizou a acidez típica do solo brasileiro e há indícios de que eles controlavam os processos após a morte. Covas eram revisitadas, ossos eram manipulados, retirados de outros locais para integrar um novo ritual funerário, e eram também marcados e pintados. Esse mesmo cuidado com os corpos levou à construção de cercas no entorno das covas, sendo a profundidade e a espessura das estacas um impedimento à ação de animais carniceiros, resultando na preservação de esqueletos em posição anatômica* (GASPAR, 2004). Segundo Fish e colaboradores (2000), a repetição do ritual funerário acabou por criar um elemento obstrutivo da paisagem que, em virtude do seu tamanho e configuração, perpetua a mensagem que os seus construtores queriam transmitir. Os sucessivos eventos, diretamente relacionados com o processo de crescimento do sítio, informam para os frequentadores da costa brasileira que aquele é o domínio dos sambaquieiros e que lá estavam os corpos dos pescadores-coletores. Dessa forma, e no momento, considera-se que o sambaqui é o resultado de um intenso trabalho social que resultou na construção de uma paisagem domesticada, marcada por referências sentimentais (GASPAR, 2009: 44-45).

Tais afirmações, mudam bastante a visão sobre os sambaquis, vistos até então como sítios de atividades

múltiplas. Resta discutir se isto é uma situação geral ou algo mais regional.



Figura 5 – Dra. Lina Kneip e sepultamento no Sambaqui da Beirada, Saquarema.



Figura 6 – Dra. Lília Cheuiche Machado e sepultamento no Sambaqui.

Neste sentido, é necessário estabelecer que, durante muito tempo a “cultura sambaquiiana” foi vista como possuidora de uma grande homogeneidade. Contudo, os trabalhos mais modernos já sustentam certa diversificação cultural entre os coletores especializados de moluscos, conforme modelo proposto por ANDRADE LIMA (1991; 1997), onde as circunscritas áreas lagunares do litoral centro-meridional brasileiro, algumas com centenas de sambaquis, teriam favorecido o assentamento de grupos pescadores/coletores que se diferenciaram entre si hierarquicamente, alcançando, em determinados casos, níveis de complexidade emergente, como no estado de Santa Catarina (com sambaquis monumentais, de até 30 metros de altura, altas densidades demográficas, redes de troca e difusão ideológica a longas distâncias, arte elaborada, sepultamentos diferenciados, projetos construtivos, etc.). Isto não teria ocorrido no Rio de Janeiro, que seria uma área periférica em relação a esse fenômeno de complexidade emergente de Santa Catarina, identificando a pesquisadora apenas uma hierarquia entre os sítios, sugerindo fortemente diferenciação social entre seus ocupantes.

#### 4. NOVAS ADAPTAÇÕES LITORÂNEAS

Por volta de 4.000 anos A.P., verifica-se uma nova forma de adaptação ao litoral, a *Tradição Itaipú*<sup>2</sup>, diagnosticada por DIAS Jr. (DIAS Jr., 1992). São populações cujos sítios demonstram que, embora sem abandonar a intensa coleta de moluscos, já existia uma ênfase bem maior à coleta de vegetais e onde a caça e a pesca eram mais diversificadas. Trata-se, portanto, em oposição ao grupo anterior, do que chamaremos de coletores-pescadores generalizados. Também há dúvidas sobre a origem desta tradição, “tanto podendo se tratar de comunidades chegadas do interior, quanto grupos readaptados de populações litorâneas, ou mesmo da fusão de ambas” (DIAS Jr., 1991: 73). Embora apresentassem muitas semelhanças com os “sambaquiianos”, sobretudo

<sup>2</sup> Cf. CHMYZ et al, 1976: 20. “Tradição - grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal.”

na tecnologia lítica e óssea, tiveram como característica particular e marcante, entre outras coisas, o desenvolvimento de instrumentos em carapaça de moluscos, particularmente a bivalve *Macrocalista* sp, com as quais fabricaram facas, raspadores, etc. e que, em determinado momento, superaram percentualmente os instrumentos líticos e ósseos.

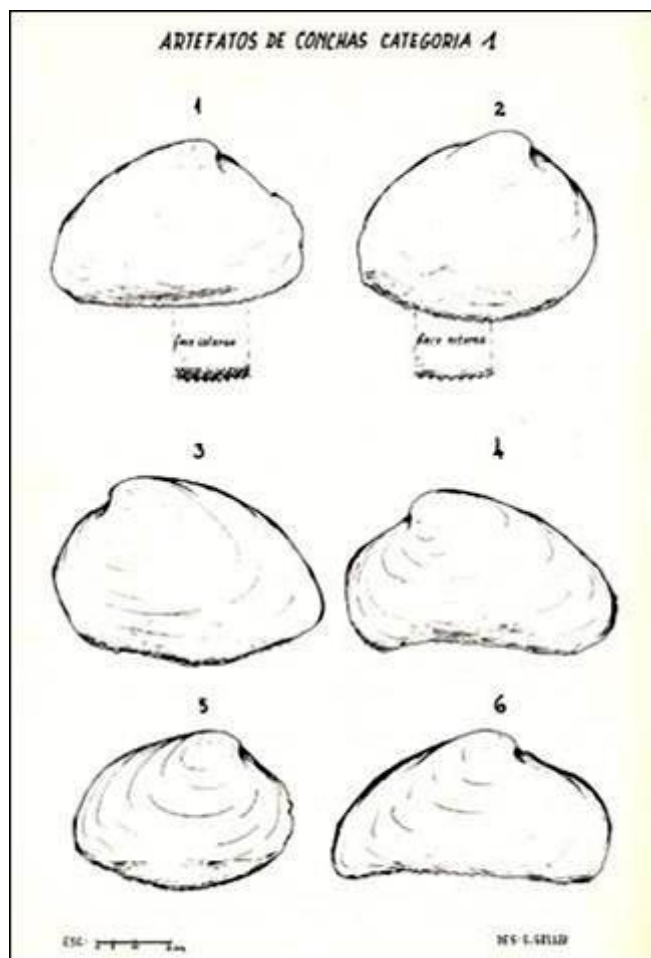


Figura 7 – Artefatos de concha do Sítio Corondó, S. Pedro d'Aldeia

DIAS Jr. (1976/77: 116-117; 1992) admite duas expressões para esta Tradição: a *Fase A*<sup>3</sup>, mais antiga, com

<sup>3</sup> Cf. CHMYZ et al, 1976. “Fase - Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios.”

sítios à beira de mangues e lagoas, mais interioranos, que demonstram uma ênfase na coleta, principalmente do molusco “corondó” (*Ampullaria* sp), um gastrópode dulcícola e a *Fase B*, mais recente, podendo significar uma nova adaptação, que tem seus sítios localizados em praias de mar aberto, sobre dunas, com uma economia voltada, principalmente, para a pesca, tendo-se, inclusive, localizado pelo menos um sítio desta Fase em ilha oceânica (ANDRADE LIMA, 1991).

Até o momento, esta Tradição se estenderia do norte de São Paulo ao litoral central do Espírito Santo, embora ANDRADE LIMA (op. cit.) entenda que as Fases A e B são duas expressões e adaptações diferentes e, portanto, não integrariam a mesma Tradição.

Sobre os sítios da Fase B, deve-se destacar a dificuldade de pesquisa: nenhum desses sítios foi de fato escavado, por pura impossibilidade técnica (seria como, literalmente, escavar uma montanha de areia). Grande parte dos achados, que não são poucos e extremamente significativos, foram feitos após alguma ventania. Evidentemente, isto limita nosso conhecimento em relação às ocupações sobre dunas.



Figura 8 - Duna de Itaipu (Niterói), com vestígios expostos após ventania.

Desta forma, acompanhando um movimento que se iniciara no período anterior, o povoamento do litoral se torna mais intenso e diversificado.

Quanto aos sepultamentos deste período, tanto no interior quanto no litoral, acompanhando as suas

características gerais, também se mostram bastante diversificados, desenvolvendo-se segundo tradições locais.

Por outro lado, os sítios Itaipu da Fase A, apresentam estruturas habitacionais bastante mais complexas, como por exemplo, marcas de estaca, conformando fundos de cabana. Nestes mesmos sítios, em torno de 4.000 anos A.P., encontram-se os primeiros sinais de horticultura, dando início a um novo momento.



Figura 9 - Marcas de estacas no Sítio da Malhada, conformando um fundo de cabana

## CONCLUSÃO

Desta forma, o litoral sul/sudeste brasileiro foi palco, desde, pelo menos, 8.000 anos A.P., de um desenvolvimento cultural intenso e marcante, no qual o litoral fluminense tem, em especial as Baixadas Litorâneas, uma importância particularmente significativa.

Este intenso desenvolvimento cultural, parece ter, inclusive, levado as populações a outros caminhos. Evidências indiretas, parecem indicar que, a partir de 3.500 anos A.P., grupos da Tradição Itaipu, do tipo mais interiorano, começavam a desenvolver experiências no sentido da domesticação de tubérculos no litoral do Rio de Janeiro (DIAS Jr., 1991: 30-32). O estudo dos restos esqueléticos destas populações indicou um alto consumo de carboidratos, cáries e um desgaste dentário específico (CHEUICHE MACHADO, 1984). Este desgaste (*lingual surface attrition of the maxillary anterior teeth*),

não transmissível geneticamente, resultaria da utilização dos dentes incisivos superiores, juntamente com a língua, para descascar ou raspar plantas abrasivas (TURNER & CHEUICHE MACHADO, 1983: 125). Isto, associado ao alto índice de cáries (mais de 80%, por exemplo, no sítio Corondó, enquanto a média, para grupos tipicamente agrícolas da América, fica em torno dos 60%), permitiu a hipótese de um cultivo incipiente de tubérculos por estas populações.

Diversas teorias, algumas inclusive antagônicas, procuram explicar como teria se dado o início da horticultura e que fatores a teriam propiciado (DIAS Jr., 1993: 9-17). Um fato, contudo, parece inquestionável, a importância do chamado Período Arcaico (entre o final do Pleistoceno e o estabelecimento da horticultura) para o advento dos cultivos: o incremento da coleta de vegetais trás, como uma de suas conseqüências, um acúmulo inquestionável de conhecimento, a tal ponto que, no final do período, as populações já podiam interferir na reprodução das plantas.

Parece, portanto, que no litoral do Rio de Janeiro, a adaptação aos recursos litorâneos, permitiu as populações, pelo menos aquelas mais interioranas da Tradição Itaipu, o acúmulo de conhecimento e a estabilidade cultural, necessárias a novos experimentos.

Por outro lado, procuramos demonstrar que este desenvolvimento cultural não pode ser visto como algo monolítico e homogêneo. Muito pelo contrário: acreditamos que sob uma mesma denominação, sambaquis, estão sendo designadas três adaptações diferentes. A primeira, os sambaquis propriamente ditos, o que denominamos como coletores especializados de moluscos, a segunda grupos que chamamos e coletores generalizados de moluscos e por fim os coletores-pescadores de dunas. Ao que tudo indica, estas três adaptações, que foram contemporâneas, devem ter convivido.

Por fim, devemos ressaltar que continuar a denominar de sambaquis as diferentes adaptações, não constitui propriamente um equívoco, mas apenas outra forma de encarar o fenômeno. Contudo, tal posição, em nossa avaliação, corre o sério risco de aproximar o termo sambaqui da definição e tipo de sítio, não de tipo e cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Azis. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1977, nº 3.
- \_\_\_\_\_. Paleoclimas quaternários e pré-históricos da América Tropical. *Dédalo*. São Paulo: 1989, pub. av., nº1, pág. 9-25.
- ANDRADE LIMA, Tânia. *Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2v., 1991.
- \_\_\_\_\_. The shelmound-builders: emergent complexity along the south/southeast coast of Brazil. *62<sup>th</sup> Annual Meeting of the Society for American Archaeology*. Washington: Society for American Archaeology, 1997 (man.).
- BIGARELLA, João José. Variações climáticas no Quaternário Superior do Brasil e sua datação radiométrica pelo método de Carbono 14. *Paleoclimas*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1971, nº1.
- CHEUICHE MACHADO, Lilia. Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó. Aspectos biológicos e culturais. *Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: IAB, 1984, Série Monografias, nº1.
- CHMYZ, Igor et al. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*. Paranaguá: Mus. Arq. e Artes Pop., Universidade Federal do Paraná, 1976, nº1, pág. 119-148.
- DIAS Jr., Ondemar F. Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, UCG, 1976/77, 3 e 4, pág. 110-130.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento cultural no horizonte 9000/4000 anos A.P. no Brasil Tropical. *Revista de Arqueologia Americana*. México: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1991, nº4, pág. 55-87.
- \_\_\_\_\_. A tradição Itaipu, costa central do Brasil. In: MEGGERS, B.J. (ed.). *Prehistoria Sudamericana - nuevas perspectivas*. Washington: Taraxacum, 1992, pág. 161-176.
- DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. 1832. Porto Alegre: L&PM, 2008, v. 1.
- DEBLASIS, Paulo. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueología Suramericana*, v. 3, p. 28-61, 2007.
- DUARTE, Paulo. *O Sambaqui visto através de alguns Sambaquis*. São Paulo: Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, 1968.
- FISH, Suzanne K. et al.. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n 10, p.69-87, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Arqueologia, cultura material e patrimônio. In: GRANATO, M. e RANGEL, M.F. (org.). *Cultura Material e Patrimônio de C&T*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2009, p. 39-52. Disponível em [/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/5%20ARQUEOLOGIA,%20CULTURA%20MATERIAL%20E%20PATRIM%C3%B4nio\\_mariadulce.pdf](http://projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/5%20ARQUEOLOGIA,%20CULTURA%20MATERIAL%20E%20PATRIM%C3%B4nio_mariadulce.pdf), acessado em 20/03/2015.
- KNEIP, Lina Maria. Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ. *Coleção Museu Paulista*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, USP, Série de Arqueologia, 1977, v. 5.
- KNEIP, Lina M. et al. The radiocarbon dating of the Sambaqui de Camboinhas, Itaipu, Niteroi, RJ, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1981, v. LIII, nº 2, pág. 339-343.
- MELATTI, Júlio Cesar. <http://www.juliomelatti.pro.br/>, acessado em 21/03/2015.
- MELLO E ALVIM, Marília C. de e UCHÔA, Dorath P. *Contribuições ao estudo das "populações de sambaquis"*. Os construtores do sambaqui de Piaçaguera. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, 1976, Série: Sambaqui de Piaçaguera, nº1.
- MELLO E ALVIM, Marília C. de et al. Os antigos

- habitantes da área de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. Estudo Morfológico. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1977, v.2, pág. 119-171.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1991.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S. e RIBEIRO, M. B. (edit.). Temas de Arqueologia Brasileira. Os Cultivadores do planalto e do litoral. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia: IGPA/UCG, 1978/79/80, nº 9, v 5.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. Arqueologia de Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1981, 32, Série Antropologia, pág. 131-160.
- TURNER II, Christy e CHEUICHE MACHADO, Lilia. A new dental wear pattern and evidence for high carbohydrate consumption in a Brazilian Archaic skeletal population. *American Journal of Physical Anthropology*, 1983, nº 61, pág. 125-130.